

9 junho | Dia do Município

(Montalegre – 2021)

Passam hoje 748 anos que o Rei Bolonhês D. Afonso III, outorgou ao povo de Barroso a carta de alforria libertando-o do controlo feudal e, com ela, o reconhecimento da capacidade em tomar conta do seu destino e agarrar o futuro.

Desde então muitos foram os percalços passados, as procelas vencidas, as glórias vividas e os êxitos alcançados.

Formatámo-nos na adversidade do clima que fez de nós “gente forte cá do norte”, no espírito comunitário e de entreaajuda, ao estilo um por todos e todos por um, e na vaidade nunca escondida de ser quem somos: um povo de causas, de forte identidade, de muito querer, gente de palavra. Um território “belo e sublime” como bem caracterizou o ilustre magistrado Montalvão Machado que na comarca de Montalegre foi juiz e que à terra, tal como fizeram Ferreira de Castro, Artur Maria Afonso e Bento da Cruz, dedicou páginas da mais fina e prosaica literatura.

O dia do Município é, em todo o lado, um dia solene, um dia grande. E é em grande que gostamos de celebrá-lo. De fato domingueiro e gravata a condizer. Ao compasso da banda e estralejar de foguetes. E no aconchego da mesa farta para onde se convidam amigos e vizinhança.

A cerimónia protocolar que levamos a cabo encaixa nesse conceito e é o momento mais emblemático da comemoração.

Nela distinguimos os maiores. Os que por mérito se alcandoraram ao patamar da excelência e que por esse mundo fora deram de nós imagem de um povo superior.

O meu obrigado, assim, aos que se dignaram estar presentes dando assim colorido, afeto e brilho a tão importante celebração.

E o meu muito obrigado aos nossos laureados, Prof^o Dr. João Calvão da Silva e Juiz Conselheiro Júlio Alberto Carneiro Pereira, pelo percurso audacioso que ousaram fazer, e pela forma como espalharam o Barrosismo por esse mundo fora dando de nós a imagem de um povo honrado, que sabe o que quer e o caminho que tem de trilhar.

Do mérito que representais, da inspiração que sois, e da imensa vaidade por em vós vermos a nata ou a fina flor do Barroso, falou com propriedade, rigor e conhecimento de causa o Exmo. Dr. Paulo Mota Pinto cuja presença e especial participação muito reconhecidamente agradeço.

Senhores Laureados
Senhoras e Senhores

No dia do Município é da praxe que se faça o balanço das políticas desenvolvidas, em réplica ao que superiormente se designa por Estado da Nação.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Resisto, porém, à tentação de enumerar feitos autárquicos e fazer desta cerimónia “o canto e as armas” de tudo quanto no exercício destas funções temos vindo a fazer. E prefiro antes partilhar com todos vós a avaliação do que somos, donde provimos e para onde queremos ir, no que considero ser a forma mais sensata e responsável de celebrar a efeméride.

Tudo começou há milhares de anos quando descalços, desnutridos e mal arroupados povoámos o cabeço dos montes de que a mais de centena e meia de castros dá testemunho. Foi essa variante do *Homo Erectus* que trouxe até aos nossos dias a verticalidade, a honra, a firmeza de carácter, o peso e rigor da palavra dada que para nós vale como escritura.

Como os demais povos peninsulares fizemos o percurso que vai do estádio errante ao sedentarismo.

Assim se amanharam terras, construíram utensílios agrícolas e domesticaram animais que são a nossa matriz ou essência e que, por assentarem numa estrutura fundiária arcaica, onde o mini- minifúndio prevalece, nos deixa sem armas para competir no mercado global.

A arte de trabalhar os metais também por cá foi aprimorada. Disso dão prova os torques em ouro saídos do castro de Outeiro aquando a construção da barragem de Paradela e as muitas amostras de machados de ferro ou bronze à guarda do Ecomuseu.

Daqui até à outorga do foral em 1273 e à edificação do altaneiro Castelo foi um longo e penoso caminho que os nossos antepassados tiveram de percorrer. Aqui se fundaram os alicerces da cultura Celta, se travaram lutas renhidas na defesa dos 70 km de fronteira que, em momento algum, foram linha tampão com o povo irmão da Galiza, antes estiveram na génese de uma das atividades mais lucrativas de Barroso como foi o contrabando.

Em todos os momentos mais altos e significativos da História de Portugal os Barrosões estiveram presentes e foram chamados a colaborar. E em todos eles botámos figura.

Senão vejamos:

Já éramos grandes e reconhecidos como tal quando o Rei D. Carlos se dignou visitar-nos. Muito poucas terras se podem gabar de tamanha proeza.

Implantada a República fomos dos primeiros a ela a aderir. E aqui se formou um pelotão de bravos combatentes que deu guerra as incursões couceiristas e ajudou à consolidação do ideal republicano.

Um dos momentos historicamente mais relevantes da nossa História desenrolou-se em 1915 quando o Senado aprovou a anexação da freguesia de Salto a Cabeceiras de Basto a pedido dos franceses a quem anos antes havia sido dada a concessão da exploração de volfrâmio nas Minas da Borralha.

A revolta dos Saltenses foi acompanhada pela aristocracia dominante da sede do concelho. E foi de tal ordem que só parou com o atear de fogo na Câmara Municipal e com a reversão da anexação. Aqueles que, hoje, em tom jocosos e provocatório, chamam minhotos aos Saltenses e à capitalidade da terra fazem-no só com o

propósito de dividir e acirrar. Não sabem, porém, do que falam. E agora, que a retoma da exploração mineira na Borralha é hipótese consolidada, assiste-se ao sair a terreiro dos negacionistas, os militantes da coisa nenhuma, os que de tudo se servem pra dividir, na vã esperança de reinar. Néscios são. Não só nunca leram nada, como até nunca quiseram saber que entre 1902 e 1986 a empresa mineira laborou 24 sobre 24 horas, chegou a ter 800 trabalhadores ao serviço, a quem deu casa, escola, formação profissional e ali implantou uma fundição modelo, caso único na Europa, que foi visita de académicos e estudiosos de todo o mundo. Mais, no período da segunda guerra mundial foi palco de histórias desenhadas por boémios, farristas, agentes da PIDE e de espões!

O mineral saído das suas entranhas da Borralha abasteceu Aliados e Forças do Eixo, as duas frentes em conflito, e com o encaixe financeiro da transação se robusteceram as finanças públicas e fez com que a balança comercial registasse saldo positivo. O pagamento fez-se com as toneladas de lingotes que abastecem as caves do Banco de Portugal pelo que com toda a propriedade podemos dizer que essa almofada de conforto financeiro que temos, tem a marca da Borralha, de Montalegre, do País Barrosão.

Nós que distinguimos o bom senso do senso comum queremos estar do lado da História e participar das políticas que preparam o mundo para o enfrentar da emergência climática.

Barroso tem na História de Portugal um lugar de destaque que merece evocação. Senão vejamos: A Real Casa de Bragança nasceu do casamento da Saltense Leonor de Alvim com o Santo Condestável. Daqui partiu o navegador Cabrilho que ao serviço do Rei de Espanha descobriu a Califórnia. Aqui se refugiaram e demos guarida aos republicanos fugidos ao fuzilamento na Guerra Civil de Espanha. Aqui se deram vivas à República e se deu luta às forças de Paiva Couceiro que, aquarteladas do lado de lá da fronteira, tudo fizeram para que o regime não vingasse. Aqui se abriu corredor seguro por onde os lutadores antifascistas se escapuliram rumo ao sonho de um dia regressar em ambiente de liberdade e de esperança. Liberdade e esperança que abraçámos nessa “manhã inteira e limpa” de abril. Não tão limpa assim, se tivermos em conta que o sangue de um dos nossos, por sinal da freguesia de Salto, manchou as pedras da calçada fronteira à sede da polícia política.

É assim caso pra dizer que estivemos em todos os momentos áureos da História de Portugal. E esta é também a nossa História.

Mas o passado brilhante que fomos confere-nos responsabilidade acrescida na construção do futuro.

Que vemos ensombrado pelo centralismo que nos sufoca e que ao tratar de forma igual realidades diferentes, cava o fosso entre litoral e interior, promove a estagnação económica e a desagregação social e condena ao desaparecimento ou extinção parte significativa do país.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

E não se ficam por aqui os constrangimentos. De facto, os Planos de Ordenamento do Parque Nacional da Peneda Gerês e das Albufeiras são um desfiar continuado de proibições o que faz com que empresário algum aqui se decida investir.

Sobre as nossas cabeças paira ainda a crueldade da globalização para que não temos condições fundiárias nem preparação técnica que nos permita enfrentá-la e conquistar mercados.

Mas o maior constrangimento é, porém, o do despovoamento. Mete dó entrar numa localidade, percorrê-la de ponta a ponta e não haver com quem possamos meter conversa.

O resultado preliminar dos Censos aponta para um decréscimo populacional assustador. E um Plano de ataque a tão problemática ameaça é o que ninguém parece querer desenhar. Não se entende que políticas e políticos desistam de Portugal.

Hoje temos os empresários que se queixam de não terem quem com eles queira trabalhar. E por este andar chegará o dia em que temos orçamento sem que tenhamos com quem gastá-lo!

Se fosse algo que uma qualquer poção mágica solucionasse estávamos bem porquanto o Sr. Padre Fontes se encarregaria de resolver. Não é, porém, dessa maneira que ganharemos este combate difícil. Como também não será com os cantos de cigarra ou de sereia que em ano de eleição autárquica abundam e se fazem ouvir. De braço dado, em comunhão de interesses e imbuídos do espírito de combatividade e de luta, como fazem os bois das chegas em que culturalmente nos revemos, haveremos de vencer. E de deixar aos vindouros a terra harmoniosa e de tolerância onde dê gosto viver.

Termino com uma palavra de reconhecimento e apreço aos nossos laureados.

Conheci o Sr. Prof. Calvão da Silva pela televisão e sempre associado às causas da política. Erro de casting ou falha minha, já se vê. O que de mais profundo guardo da sua personalidade ou saber resulta da leitura decorrente do seu prematuro desaparecimento ou dos relatos que seu primo, o Dr. Fernando Calvão, me deu a conhecer.

Li, porém, o opúsculo da oração fúnebre feita em seu louvor pelo Exmo. Prof. Doutor Rui de Figueiredo Marcos. Então fiquei com a perceção exata da sua estatura moral, social e académica.

A política é um vaivém de memórias que a memória do tempo mor das vezes desvanece, desvirtua e apaga. O mesmo se não pode dizer do carácter e da produção científica de quem plasma a criatividade e o saber em livro, e os deixa pra memória futura.

Neste particular contexto há um elo de proximidade e de similitude entre o Prof. Calvão da Silva e o Juiz Conselheiro Júlio Pereira cujo impressionante curriculum nos faz sentir pequeninos e que a profusa produção de conceitos põe ambos no patamar da excelência.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Mereceis assim figurar nos anais e quadro de honra das distinções promovidas pela Câmara da terra que vos viu nascer e que soubestes honrar.

Um brilhante ensaísta, nobel da literatura, Naipal de seu nome, ensina-nos no seu mais conhecido romance, a “Curva do Rio”, e passo a citar “o mundo é o que é. E os homens que não são nada ou que se permitem ser nada, nele não têm nele lugar”.

Não foi esta a postura dos nossos laureados que foram exemplo de proficiência e de produtividade sem que se deixassem adormecer à sombra dos louros ou do mérito conquistado.

Razões de sobra para que hoje aqui nos encontremos e vos tributemos o reconhecimento dos Barrosões.

No fundo vós sois a prova do quanto nas terras pequenas também pode haver Homens Grandes!

Parabéns pelo vosso percurso. Obrigado pelo exemplo que dais.

Montalegre, 9 de junho de 2021



○ Presidente da Câmara
Manuel Orlando Fernandes Alves